
**Discurso do ministro Tarso Genro
ao assumir o cargo de ministro da Educação
Brasília, 27 de janeiro de 2004.**

Ministro Cristovam Buarque; ministro Waldir Pires [da Controladoria Geral da União] — na pessoa de quem quero saudar todos os ministros presentes; ministro do Supremo Tribunal Federal, querido amigo Nelson Jobim — na pessoa de quem saúdo o Poder Judiciário; meus colegas de governo; representações da sociedade civil; parlamentares; trabalhadores da educação; reitores; senhores e senhoras, familiares que prestigiam este ato.

Substituir o ministro Cristovam Buarque não é uma tarefa fácil. Não somente pela sua inteligência, pela sua capacidade, pela sua cultura, mas, também, pelo que ele aportou ao longo de sua vida na política brasileira e pelo que aportou à educação do País.

Quando o ministro Cristovam disse, há pouco, que seria um pequeno elo num espaço entre dois mandatos, eu, na verdade, sintetizaria sua presença neste ministério como o grande sujeito político modernizador e transformador da educação brasileira. Sem o menor descaso e o menor desrespeito a quaisquer dos ministros anteriores — com quem eu pretendo conversar, indistintamente, ao longo do meu mandato, como conversarei com todas as representações estudantis, docentes, dos trabalhadores da educação, independentemente da sua formação política e ideológica, e independentemente do governo a que serviram ou que estiveram na sua oposição —, o ministro Cristovam Buarque é daquelas pessoas que seduzem, não somente pela sua capacidade política, mas pela capacidade de compreender que a relação política é um momento no qual o sujeito se constitui por meio do afeto, da persuasão, do diálogo e da capacidade de interlocução.

E esse aprendizado e esse patrimônio que o ministro Cristovam nos deixa são o ponto de partida da nossa gestão no Ministério da Educação. Não será uma gestão oposta à do ministro Cristovam, mas soldada nos alicerces que ele plantou com seu próprio trabalho e de toda sua equipe.

O Brasil é um país extremamente complexo, extremamente difícil, que passa por um processo de modernização que vem lá da Revolução de 1930, que passa pelos processos modernizantes, conservadores, que vêm por dentro da luta democrática. Que se constitui em um projeto mais aberto e mais conseqüente com as lutas socialistas e democráticas deste País. E que tem como síntese um governo que herda não somente o contencioso anterior, mas também a nobreza de um conjunto de gerações de lutadores de várias posições políticas. Inclusive de posições políticas opostas às

nossas, que tiveram uma postura democrática e modernizante, e também disputaram uma idéia de Nação.

O projeto democrático agora liderado pelo presidente Lula não vai se realizar mecanicamente, nem sem sobressaltos. Nem vai se realizar sem contenciosos. Mas vai se realizar dentro de uma ordem democrática regulada com consensos estruturados por meio dos quais as mudanças serão realizadas não somente nas instituições, na economia, mas nos padrões de civilidade democrática e na consciência popular nacional que funda esta Nação ao longo da sua história, principalmente a partir da metade do século passado. Isso, obviamente, não se constrói sem ter a educação como um dos pilares fundamentais — não o único — dessa transição.

No contencioso que existe hoje na sociedade e na academia a respeito da reforma da universidade, das cotas, das necessárias mudanças curriculares que precisamos fazer, do desafio de como conectar uma sociedade que tem um mar de excluídos e, na ponta, uma revolução tecnológica em curso — e uma elite que a dirige —, precisamos ainda reordenar e recoesionar a sociedade brasileira na revolução democrática. No caso das universidades, sua reforma jamais deve significar uma degradação. Mas deve significar sua modernização radical para a abertura democrática do ingresso das amplas camadas populares na universidade pública e no ensino superior em geral.

E esta lição está na conduta, nos trabalhos, no discurso do ministro Cristovam. E esta é a centralidade do discurso, do projeto político representado pelo governo Lula, que eu tenho a honra, a partir deste momento, de assumir nesta área da educação. Tenho absoluta certeza de que vou contar com a colaboração dos reitores, dos professores, dos servidores, da sociedade civil, de todos aqueles que almejam um projeto de nação que lute pela inclusão, que distribua renda, que fortaleça as instituições democráticas e que nos eleve a novos padrões civilizatórios dentro da modernidade.

Eu não vou me estender mais porque, hoje, uma eminente colunista estabeleceu entre eu e o ministro Cristovam uma identidade — entre muitas outras que nós temos. Mas esta eu ainda não sabia: que nós falamos pelos cotovelos. Se eu falasse tão bem quanto ele, eu continuaria falando...

Estou honrado em substituir o ministro Cristovam. Tenho absoluta certeza de que vou contar com sua colaboração e tenho a convicção de que tudo aquilo que Cristovam plantou está semeado na consciência de cada um, na consciência de cada cidadão brasileiro que ama a educação, que ama este País. E na consciência do nosso próprio governo.

Muito obrigado.